

O conjunto de metais de Vila Cova de Perrinho, Vale de Cambra: caracterização química e reavaliação dos contextos

Carlo Bottaini* e Alexandre Rodrigues**

Palavras-chave

Idade do Bronze; Metalurgia antiga; Arqueologia do território; Vale de Cambra

Keywords

Bronze Age; Ancient metallurgy; Archaeology of the territory; Vale de Cambra

Resumo

Neste artigo apresentamos uma nova interpretação para o grupo de artefactos de bronze encontrados, há cerca de 50 anos, no lugar do Rossio (concelho de Vale de Cambra, distrito de Aveiro) e conhecidos na bibliografia pelo topónimo de Vila Cova de Perrinho.

Num artigo de 1963, Pinho Brandão considerou estes objectos como oriundos de uma sepultura e, nos anos seguintes, a literatura arqueológica refere-se aos mesmos como fazendo parte de um “depósito”.

Uma vez que os achamentos de Vila Cova de Perrinho ainda permanecem na memória colectiva, este estudo também aborda a recontextualização destes objectos de bronze, considerando tanto a informação bibliográfica como as fontes orais.

Este complexo foi estudado utilizando uma abordagem multidisciplinar, tendo em conta análises arqueometalúrgicas e tipológicas, às quais se juntam as evidências geográficas e antropológicas.

Abstract

In this paper, we present a new interpretation of a group of bronze artifacts recovered about 50 years ago in the Rossio site (Vale de Cambra, Aveiro) and known in the literature by the toponym of Vila Cova de Perrinho.

In an article in 1963, Pinho Brandão considered that these objects had come from a grave; in the following years, archaeological literature referred to the same items as part of a “hoard”.

As the findings of Vila Cova de Perrinho are still alive in the collective memory, this study also deals with a re-contextualization of these bronze objects by considering both bibliographic and oral sources.

This complex has been studied using a multi-disciplinary approach, that takes into account archaeometallurgical and typological examinations, together with the geographical and anthropological evidences.

* Arqueólogo. Bolseiro da FCT, SFRH/BD/36813/2007; CEAUCP/CAM, Doutorando em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (keret18@yahoo.it)

** Arqueólogo na Câmara Municipal de Vale de Cambra. Mestrando em Arqueologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (alexandrerodrigues@cm-valedecambra.pt)

1. Introdução

Do espólio que o Museu Municipal de Vale de Cambra¹ conserva, destaca-se um interessante conjunto de materiais arqueológicos, atribuídos ao Bronze final, que terão sido encontrados na mesma ocasião por volta de 1959 ou 1960 no lugar do Rossio, em Vila Cova de Perrinho, freguesia localizada na parte Noroeste do concelho de Vale de Cambra (Entre Douro e Vouga, centro-norte de Portugal).

De acordo com a notícia publicada em 1963 por Pinho Brandão, o conjunto compunha-se por um vaso cerâmico, três machados de talão, três cinzeis, dois punhais tipo Porto de Mós, dois fragmentos de pulseira, três fragmentos de chapa e um outro objecto indeterminado com secção circular. Actualmente um dos machados e o vaso têm paradeiro desconhecido.

Quanto às circunstâncias do achado, o mesmo autor refere que os materiais terão sido encontrados por trabalhadores agrícolas ao abrirem uma vala para plantar um eucalipto. Logo

após a descoberta, o conjunto terá sido disperso entre os achadores, sucessivamente recuperado e cedido ao Chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Vale de Cambra, Dr. Ems Ribeiro, para que se criasse um possível museu local².

De acordo com a interpretação avançada por Pinho Brandão, este conjunto faria parte do espólio de uma sepultura, embora não acrescente pormenores que justifiquem essa proposta (Brandão, 1963:114).

A recente realização de análises químicas aos metais que se encontram à guarda do Museu Municipal de Vale de Cambra, tornou-se numa oportunidade para tentarmos esclarecer a natureza arqueológica deste achado.

Com este contributo procuramos dar seguimento às intenções de Domingos de Pinho Brandão que, na sua notícia, afirmava merecer este conjunto "um estudo mais desenvolvido" e que o reservaria para outra ocasião (Brandão, 1963: 114).

2. O conjunto metálico, um contributo para o seu catálogo

Relativamente aos aspectos morfo-tipológicos dos materiais, uma primeira consideração permite-nos apreciar a variabilidade tipológica do conjunto metálico, formado por utensílios (machados e cinzeis), armas (punhais) e elementos de adorno (pulseira), para além de objectos cuja função nos é desconhecida.

2.1. Machados de talão

Os três machados de talão, apesar das evidentes diferenças morfológicas, representam típicas produções de cariz atlântico com inúmeros paralelos na região centro e norte de Portugal e na Galiza, conforme já repetidamente

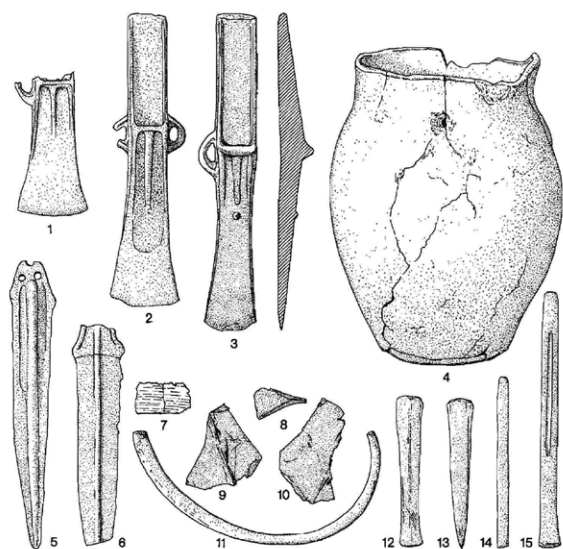


Figura 1. Desenho do conjunto (Kalb, 1980:43).

¹ Agradecemos, desde já, à Câmara Municipal de Vale de Cambra e ao seu Museu Municipal, a disponibilidade no acesso aos objectos à sua guarda.

² O que sucedeu com a doação, por parte dos herdeiros do Dr. Ems Ribeiro, do espólio ao Museu Municipal de Vale de Cambra desde que abriu portas em 1997.



Figura 2. Machados de talão (fotografias de MMVC/Aníbal Lemos e desenhos de Alexandre Rodrigues).

destacado em diversos trabalhos anteriores de síntese (Monteagudo, 1977, taf. 137-141; Coffyn, 1985, mapas 33 e 36, entre outros).

Alguns machados de talão ocorrem também, embora de forma bastante residual, no mundo mediterrânico, concretamente em alguns depósitos da Sardenha e Sicília (Giardino, 1995:218).

Os três exemplares de machados de talão de Vila Cova de Perrinho, caracterizam-se por pertencerem a variantes tipológicas diferentes: dois são bifaciais, um com duas argolas (ARQ29) e outro com apenas uma (ARQ30), enquanto que o terceiro exemplar, entretanto desaparecido, é mono-facial e com apenas uma argola.

De uma forma geral, devido à falta de machados de talão com contexto arqueológico conhecido e caracterizado, a atribuição cronológica para este tipo de objectos resulta bastante difícil de estabelecer: contudo, admite-se que esta produção se terá iniciado já a partir do Bronze final I (Coffyn 1985:199, nota 36), perpetuando-se até, pelo menos, ao Bronze final III (Coffyn 1985:220, mapa 41).

Os machados, enquanto objectos “multi-funcionais” (Fontijn, 2002:251) e artefactos ubíquos e promíscuos (Vilaça, 2006:80), aparecem documentados em diversos contextos arqueológicos não constituindo, neste sentido, elementos diagnósticos.

Na região centro de Portugal, de facto, assinalam-se machados de talão em diversos povoados como, por exemplo, no Castro da Senhora da Guia, Baiões (S. Pedro do Sul) (Silva *et al.*, 1984), no Castro de S. Romão (Senna-Martinez, 1989) e no povoado da Tapada das Argolas (Fundão) (Vilaça *et al.*, 2004).

Mais abundantes são os achados em deposições isoladas ou múltiplas, sendo que, neste último caso, tanto ocorrem em conjuntos mono-tipológicos, como em associação com outras tipologias de artefactos: entre Douro e Tejo assinalam-se, entre outros, os depósitos de Campo da Falcoeira (S. Miguel de Urrô, Arouca) (Brandão, 1962), Porto David (Pinhel, Guarda) (Monteagudo, 1977:1141, 1142, 1025A), Chãs de Tavares (Mangualde, Viseu) (Monteagudo, 1977:1319, 1341) ou Paúl (Covilhã, Castelo Branco) (Vasconcellos, 1917:328), constituídos

apenas por machados; Quinta do Ervedal (Guarda, Fundão, Castelo Novo) (Villa Boas, 1947), Travasso (Pampilhosa, Coimbra) (Leitão *et al.*, 1985), Freixianda (Ourém, Santarém) (OAP, 1970:324) e Porto do Concelho (Mação) (Jalhay, 1944) em que os machados surgem contextualmente com outros tipos metálicos. Inúmeros são, finalmente, os machados de talão depositados individualmente, sendo esta situação um dos padrões deposicionais mais recorrentes no Bronze final/Ferro inicial do ocidente ibérico.

2.2. Cinzéis

Também se integram no conjunto de Vila Cova de Perrinho três cinzéis: dois exemplares são do tipo simples, com secção quadrangular. Finalmente, o terceiro, considerado por Pinho Brandão como um machado é, na realidade, é um cinzel de alvado com secção circular.

Enquanto que os primeiros são documentados com alguma frequência em diversos contextos arqueológico do centro de Portugal, o cinzel de alvado, pela raridade com que ocorre na Península Ibérica, merece maior atenção: à excepção do exemplar de Camarillas (Teruel) (Harrison *et al.*, 1974:104), os restantes exemplares peninsulares distribuem-se no Noroeste ibérico.

No território português, além de Vila Cova de Perrinho, um outro cinzel de alvado foi referenciado, em circunstâncias desconhecidas, no Monte da Penha (Braga, Guimarães), encontrando-se actualmente conservado no Museu da Sociedade Martins Sarmiento, em Guimarães (nr. inv. 804).

No que toca à cronologia, e a nível europeu, os cinzéis de alvado mais antigos são considerados os exemplares britânicos provenientes dos depósitos de Soham e Torquay (Rowlands, 1976, fig. 34, 1101 e 1126) datados entre os séculos XIV e XIII (Coombs, 1975:214). Relativamente ao cinzel de Vila Cova de Perrinho, tendo por base a tipologia, existe uma certa concordância em atribuí-lo ao Bronze final III (Fernandez Manzano, 1986:118; Delibes de Castro *et al.*, 1999:76).



Figura 3. Cinzeis (fotografias de MMVC/Anibal Lemos e desenhos de Alexandre Rodrigues).

2.3. Lâminas de punhal

As duas lâminas de punhal, uma bem conservada e outra quebrada em duas ao nível da lingueta, enquadram-se no âmbito do tipo Porto de Mós, produção típica do Bronze final na região entre Douro e Tejo (Coffyn, 1985:217).

Com base em critérios formais, concretamente na morfologia trapezoidal da zona de encabamento, pouco destacada da lâmina, os dois exemplares de Vila Cova de Perrinho são considerados modelos arcaicos no âmbito da linha evolutiva dos punhais de tipo Porto de Mós, atribuindo-se a sua produção ao Bronze final II (Correia, 1988:202). Os paralelos mais próximos, do ponto de vista tipológico, encontram-se em exemplares oriundos de Porto de Mós, Alpiarça e Cesareda (Fernández Garcia, 1997).

Tal como os machados de talão, também os punhais de tipo Porto de Mós não parecem vinculados a qualquer contexto arqueológico específico. Aparecem em deposições múltiplas, como no caso de Porto do Concelho (Jalhay, 1944), individuais como em Moinho do Raposo

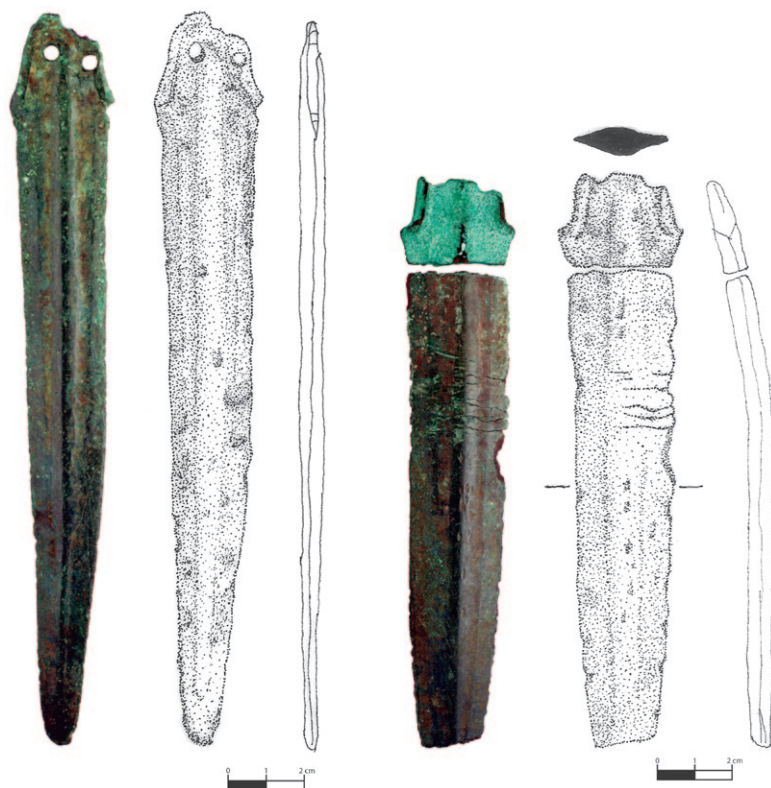


Figura 4. Lâminas de punhal (fotografias de MMVC/Aníbal Lemos e desenhos de Alexandre Rodrigues).

(Alenquer) (Jalhay, 1943-1944) ou ao longo do vale do rio Tâmega (Coffyn, 1985:390, n. 155), possivelmente em contexto "aquático/húmido"; em grutas (Columbeira, Coffyn, 1985:48) e povoados, como nos Castros de Pragança (Kalb, 1980, fig. 13), Moreirinha e Monte do Frade (Vilaça, 1995:335); assinala-se, finalmente, um punhal de tipo Porto de Mós encontrado em Alvaiázere e atribuído ao Bronze Atlântico III (Coffyn, 1985:216) que terá sido encontrado numa sepultura de que se desconhece o ritual (Rocha, 1899-1901:135).

2.5. Fragmentos de chapa de bronze

Os três fragmentos de chapa têm sido interpretados como fragmentos de um capacete de crista (Coffyn, 1985:390), importando notar que estes objectos são extremamente raros no registo arqueológico da Península Ibérica. Philine Kalb propõe essa interpretação para alguns fragmentos metálicos encontrados no Castro de Avelãs (Kalb, 1980:29, fig. 7, nr. 37), enquanto que o caso mais conhecido a nível

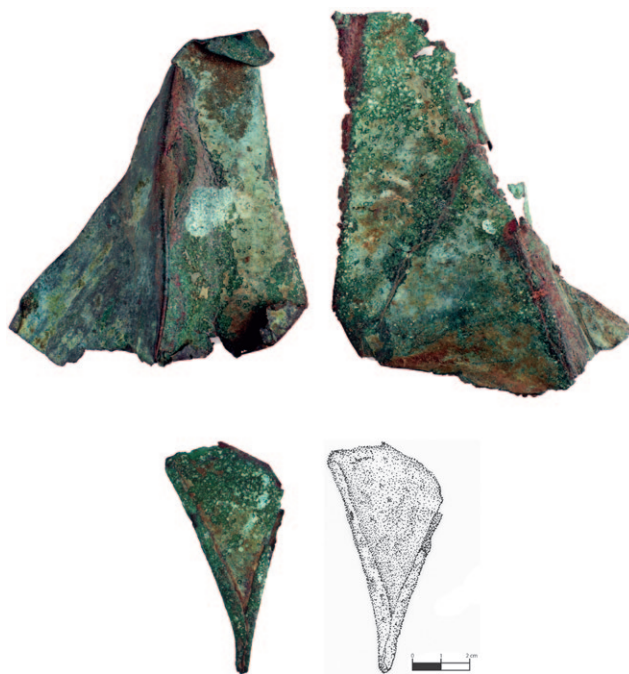


Figura 5. Fragmentos de chapa de bronze (fotografias de MMVC/Aníbal Lemos e desenhos de Alexandre Rodrigues).

ibérico é ilustrado pelos achados do depósito de La Ría de Huelva (Ruiz-Gálvez Priego, 1995a). Contudo, devido às condições de conservação e à morfologia dos fragmentos de chapa de Vila Cova de Perrinho, informes e distorcidos, acreditamos que a interpretação de Coffyn seja pouco provável.

2.6. Fragmentos de bracelete e fragmento indeterminado

Completam a lista de artefactos metálicos, dois fragmentos de um bracelete, bastante deteriorado, decorado com linhas paralelas: este modelo encontra afinidades com uma outra pulseira procedente do Castro da Nossa Senhora da Guia (São Pedro do Sul) (Silva, 2007:265).

Assinala-se, também, um outro fragmento de forma arqueada e secção cilíndrica, com funcionalidade desconhecida.

2.7. Vaso cerâmico

Finalmente, Pinho Brandão refere que, juntamente com os metais acima referidos, apareceu um vaso cerâmico cujo paradeiro desconhecemos. De acordo com a descrição publicada pelo autor, o recipiente caracterizava-se por uma pasta grosseira e micácea, de tom escuro na sua superfície externa e avermelhado no interior.

Recentemente obtivemos algumas informações quanto à localização do vaso, supostamente na posse de um particular, mas ainda não nos foi possível confirmar a sua veracidade.

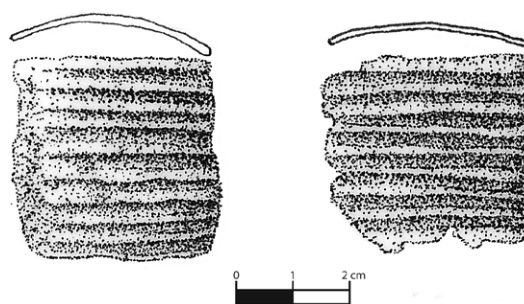


Figura 6. Fragmentos de pulseira (desenho de Alexandre Rodrigues).

3. Análises químicas dos artefactos

Os resultados das análises realizadas sobre as oito das peças que integram o conjunto metálico de Vila Cova de Perrinho foram apresentados no âmbito da *European Conference on X-ray Spectrometry* que se realizou na Figueira da Foz (Coimbra, Portugal), nos dias 20 a 25 Junho de 2010 e serão em breve publicados³.

Apresentam-se, nesta ocasião, os resultados da análise recentemente realizada ao bracelete e aos dois fragmentos de chapa metálica que integram o conjunto: a caracterização química destes objectos ocorreu nos laboratórios do Museu Nacional de Arqueologia de Madrid, sob a responsabilidade do Dr. Ignacio Montero-Ruiz, a quem agradecemos a colaboração.

Para a realização da análise utilizou-se um equipamento de Fluorescência de raios-X de energia dispersiva METOREX X-MET 920MP dotado com detector de Si(Li) e fonte de

Tabela 1. Resultados das análises efectuadas nos laboratórios do Museu Nacional de Arqueologia de Madrid.

N.º Inv.	Objecto	Cu (%)	Sn (%)	Fe (%)	Pb (%)	As (%)
ARQ025	Fragmento de bracelete	79,7	20,3	n.d.	0,05	n.d.
ARQ027	Fragmento de capacete (?)	92,3	7,7	n.d.	n.d.	n.d.
ARQ028	Fragmento de capacete (?)	91,8	8,2	n.d.	n.d.	n.d.

³ O estudo foi apresentado num poster intitulado *EDXRF: analysis of archaeological metal artifacts from the Bronze Age* e da autoria de C.E.Bottaini (CEAUCP/CAM, Coimbra), A.L.M. Silva, D.S.Covita, J.F.C.A. Veloso (Departamento de Física da Universidade de Aveiro).

Americio 241 (série de análises PA10.000) e com um equipamento portátil INNOV-X com tubo de raios-X.

Confirma-se estarmos na presença de bronzes compostos por uma liga de cobre e estanho com teores bastante limitados de elementos secundários, o que também parece confirmar-se nos valores das restantes peças cujos resultados se encontram em fase de publicação.

Os metais de Vila Cova de Perrinho, apesar de uma tipologia atribuível ao mundo atlântico, enquadram-se dentro do modelo compositivo característico do Bronze final do território centro-português, marcado pela monotonia de ligas binárias bastante padronizadas.

Os bronzes ternários (Cu, Sn e Pb), documentados na região do Minho e Trás-os-Montes numa fase tardia deste período, nesta região e no estado actual dos conhecimentos, são praticamente desconhecidos⁴.

Os resultados obtidos em dezenas de peças metálicas do Bronze final comprovam esta situação: vejam-se, por exemplo, os casos dos povoados da Cachouça, Castelejo, Alegrios, Monte do Frade, Moreirinha (Vilaça, 1997), Cabeço de Argemela (Vilaça *et al*, no prelo), Baiões (Valério *et al*, 2006), Canedotes (Canha *et al*, 2007) ou dos depósitos como Freixianda (Gutiérrez Neira *et al*, 2011) (Ourém, Santarém), Coles de Samuel (Soure, Coimbra) (Coffyn, 1985:402) e Travasso (Pampilhosa, Coimbra) (Leitão e Lopes, 1985).

Será, contudo, necessário aguardar a publicação dos resultados das restantes peças para se poder proceder a uma análise mais conclusiva do conjunto de Vila Cova de Perrinho.

4. O conjunto metálico no contexto arqueológico do Rossio (Vila Cova de Perrinho)

As informações proporcionadas por Pinho Brandão relativamente ao local preciso do achado, são bastante equívocas. Sabe-se, com certeza, que o achado ocorreu na extremidade meridional de um pequeno planalto com uma superfície aproximada de 1 km², que se dá a conhecer pelo topónimo “Rossio”.

Trata-se de uma zona morfologicamente bastante regular, atravessada por duas linhas de água, uma no sentido norte-sul e outra noroeste-nordeste, e ladeada por dois acidentes orográficos: o Monte do Crasto, a oeste, com uma altitude máxima de 610 metros e o Crasto de Cambra, uma elevação que se terá erguido acima dos 560 metros, mas cuja morfologia se encontra fortemente alterada pela actividade de uma pedreira.

Do ponto de vista arqueológico, os trabalhos de prospecção e de escavação que se têm realizado esporadicamente no planalto do Rossio, para além do conjunto metálico de Vila Cova de Perrinho, permitiram identificar, numa área com cerca de 1,5 km², oito sítios com cronologias atribuíveis ao Neolítico, Calcolítico e Idade do Bronze. Sete revelam um carácter funerário (Mamoas 1^a e 4 do Rossio, as 4 Mamoas do Crasto e a Necrópole do Rossio⁶), enquanto que o restante parece corresponder a um povoado proto-histórico (Silva, 1998), (Queiroga, 2001:109-121) e (Silva, 1997: 41-42).

⁴ Evidencia-se, a título de excepção, um machado de alvado procedente de Vila Cova-à-Coalheira (Viseu, Vila Nova de Paiva) (Cu 59,82%; Sn 25,04%; Pb 12,44%): o machado foi recolhido junto duma lareira datada por volta de (14C) 2590±40 (GrN-27080) (Mendes, 2011); Loureiro *et alii*, 2003:115).

⁵ Esta mamoa foi intervencionada em 1995 por Fernando Augusto Pereira da Silva, encontrando-se à data num avançado estado de degradação. No seu lugar existe, hoje, uma oficina automóvel (Silva, 1998).

⁶ Esta necrópole foi identificada em 2000 no decorrer dos trabalhos para a construção de uma estufa para floricultura, sendo na altura proprietário o Sr. Joaquim Soares de Oliveira que proporcionou a realização de trabalhos arqueológicos levados a cabo por António Manuel Silva, Fernando Augusto Pereira da Silva e Manuela C. S. Ribeiro. Agradecemos à esposa e herdeiros do Sr. Joaquim Soares de Oliveira o valioso contributo e disponibilidade.

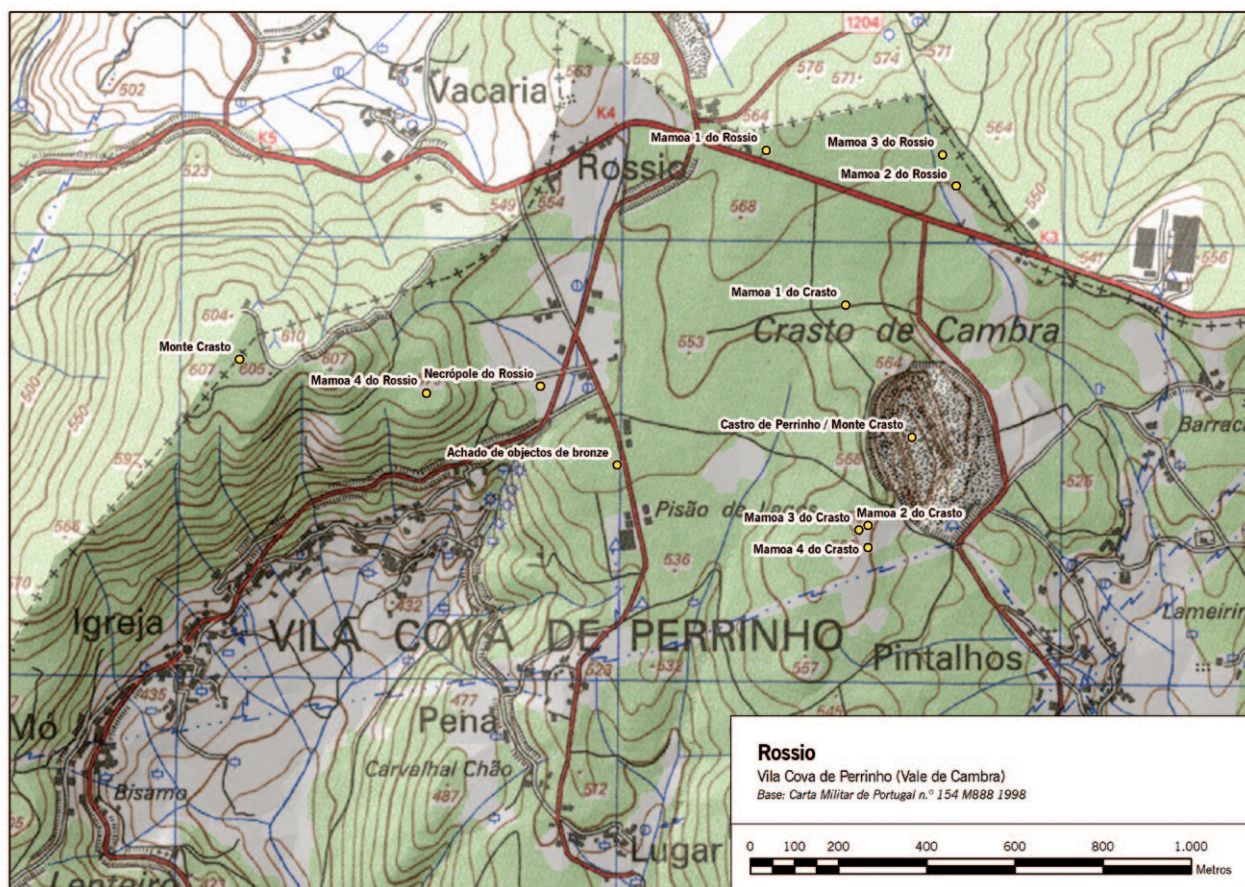


Figura 7. Mapa geral da área do Rossio (Vila Cova de Perrinho) e dispersão de sítios arqueológicos identificados. (Fonte: CMP 1:25000, folha n.º 154, 1998).

Os monumentos funerários são de modo geral discretos na paisagem, apenas identificáveis nas imediações, possuindo alturas que variam entre os 20 e os 50 centímetros e diâmetros entre o 4 e os 7 metros. Excepção feita à Mamoa 1 do Crasto, com cerca de 1 metro de altura e 15 metros de diâmetro.

A Necrópole do Rossio corresponde a um conjunto de cinco fossas ovóides, abertas no solo, com um diâmetro médio de 1 metro e uma profundidade que ronda os 90 centímetros (Queiroga, 2001:120). Da intervenção efectuada em 2000, resultou o aparecimento de vários fragmentos de cerâmica grosseira em duas

fossas, cuja notícia ainda se aguarda com alguma expectativa, e cuja cronologia será atribuível ao Bronze Final.

Mais problemática resulta a localização do povoado. Tanto a toponímia⁷ quanto as condições naturais da área parecem apontar para a existência de um eventual povoado proto-histórico (castro) (Silva, 1997:41-42) ou habitat aberto (Queiroga, 2001:116), havendo notícia do aparecimento de mós manuais e outros materiais incaracterístico no local. O “Monte Crasto”, tal como é designado, fica a poente do lugar de Vila Cova de Perrinho, que faz a fronteira entre os concelhos de Vale de Cambra e Oliveira de Azeméis, dominando

⁷ Nas imediações do “Rossio” encontramos topónimos como “Monte Crasto” a Oeste, “Crasto de Cambra” a Este, “Viso da Mó” a Sudoeste, “Pena” e “Carvalhal Chão” a Sul.

o rio Viges e o rio Ínsua (Silva, 1997:41-42). No entanto, num texto publicado em 1992 no jornal “Defesa de Arouca”, um antigo aluno de D. Domingos de Pinho Brandão – que assina como P.A.P. – refere o aparecimento de mós e os outros materiais a nascente da Necrópole do Rossio, dizendo que “à outra banda, a poente, era a necrópole...” (P.A.P., 1992:3), localizando-os, portanto, a nascente da necrópole.

5. Espólio de sepultura ou depósito? O(s) achado(s) de Vila Cova de Perrinho em busca de um contexto

Apesar dos diversos vestígios arqueológicos encontrados na área do Rossio, o achado mais relevante é representado, indubitavelmente, pelo conjunto de materiais conhecidos na literatura com o topónimo de Vila Cova de Perrinho: como anteriormente já referimos, Pinho Brandão afirma que estes artefactos apareceram enquanto se arrancava um eucalipto, a cerca de 15 centímetros da superfície, levando-o a considerá-los como provável espólio de sepultura.

Contudo, devido à falta de informações mais precisas, o(s) contexto(s) de origem do(s) achado(s) permanece(m) ainda hoje sem uma sólida base explicativa.

Ao nível de bibliografia, curiosamente, a partir do final dos anos 70 do século passado, o conjunto passou a ser designado, consoante os autores, como “depósito”, “esconderijo” ou “entesouramento”⁸, sem que se tenham acrescentado outros pormenores relativos às circunstâncias em que o achado ocorreu.

O conceito de depósito, esconderijo ou entesouramento, tem vindo a sofrer diversas alterações conceptuais nas últimas décadas,

sem que a discussão em torno desse tema tenha conseguido alcançar uma posição unânime entre os arqueólogos.

A constituição de categorias de depósitos consoante a sua natureza (“votivos” vs “utilitários”), a “propriedade” das peças (“pessoais”, de “mercadores” ou de “fundidores”), o conteúdo (“simples” ou “complexos”) ou o contexto (“secos” ou “aquáticos/húmidos”) apenas serviu para criar um hiato artificioso entre estas ocorrências e os significados que as deposições metálicas terão veiculado para as comunidades que os produziram (Bradley 1990; Fontijn 2002).

Ao mesmo tempo, este tipo de abordagem tem-se revelado ineficaz em responder a inúmeras questões e tentar dar sentido à quantidade de materiais metálicos, aparentemente “descontextualizados”, que caracterizam o registo arqueológico da proto-história europeia.

Sem ser esta a ocasião para discutirmos o tema, merece atenção o facto de que a deposição voluntária e selectiva de artefactos metálicos parece ser, no Bronze final do ocidente ibérico, um fenómeno social relevante que se materializa em estruturas arqueológicas bem definidas (Vilaça, 2006).

Neste sentido, portanto, a riqueza e diversidade expressiva do fenómeno deposicional não assenta em atitudes arbitrarias, mas responde a regras codificadas quer ao nível de conteúdo, quer no que toca à sua localização (Hamon *et alii*, 2008).

A heterogeneidade deste fenómeno, transversal no tempo e no espaço, responde necessariamente a exigências que podem ser investigadas apenas no âmbito das próprias sociedades que depositaram tais objectos.

Nesta perspectiva, a identificação apropriada dos respectivos contextos arqueológicos representa um ponto central para a correcta

⁸ A título de exemplo, vejam-se as seguintes publicações: Monteagudo, 1977, n.ºs 1297A, 1341A, 1387A, 1715A; Kalb, 1980:41, 43; Coffyn, 1983:172, *id.* 1985:390; Ruiz-Galvez Priego, 1995:25; 1997:42; Melo, 2000:36; Queiroga, 2001:126; Silva, 2003:206; Vilaça, 2006:67; Silva, 2007.

interpretação de um determinado achado, sendo essa a razão que nos levou à adopção de uma metodologia que integrasse as fontes bibliográficas com a recolha de testemunhos e observações no terreno.

No reconhecimento efectuado ao local, desde o início constatamos que a comunidade local ainda guardava a memória do achado: alguns por terem ouvido falar, outros por terem, na primeira pessoa, participado na descoberta.

O que conseguimos apurar foi que o conjunto de Vila Cova de Perrinho, assim como é conhecido, se divide em pelo menos três núcleos distintos, ocorridos de forma dispersa no tempo e no espaço.

O primeiro é constituído pelo recipiente cerâmico, referido como “urna das cinzas” (P.A.P., 1992:3) e que foi encontrado a cerca de 60 metros para Oeste da Necrópole do Rossio; esse vaso foi retirado do interior de manchas circulares com cerca de 1m de diâmetro, com características cromáticas bem identificadas pelo achador e referidas como “... círculos de terra negra, ou mesclada de carvão...” (P.A.P., 1992:3). De acordo com a mesma fonte, no fundo do mesmo buraco encontravam-se outros vasos e cinzas (P.A.P., 1992:3).

O segundo núcleo de achados corresponde a cinco peças metálicas, encontradas pelo Sr. Joaquim Oliveira do Pinhel⁹ quando arrancava um eucalipto, tal como refere Pinho Brandão.

Por fim, um terceiro grupo será constituído pelas restantes peças metálicas, sobre as quais não nos foi possível recuperar informação relevante, embora, todavia, nos pareça trata-se de um conjunto metálico distinto.

6. Conclusão

Em jeito de conclusão, o desconhecimento das circunstâncias em que se deu o achado e do respectivo contexto arqueológico, limitam bastante o estudo deste conjunto a apreciações de ordem, prevalentemente, morfo-tipológicas.

Em termos analíticos, de acordo com os dados que já foram apresentados e apesar de outros ainda estarem em fase de publicação, é possível sublinhar o facto que à assinalável heterogeneidade tipológica não corresponde uma diversidade em termos de composição química.

Relativamente ao contexto, as informações que recolhemos nas diversas entrevistas realizadas, quer a pessoas que participaram directamente no achado, quer a “quem ouviu falar disso”, permitem-nos afastar a ideia de que o conjunto de Vila Cova de Perrinho se constitua num único achado. Em nenhum dos casos, contudo, nos foi possível perceber a associação directa destes artefactos com outras estruturas arqueológicas conhecidas na área.

Não descartando, portanto, a possibilidade de estarmos perante diferentes deposições dentro de uma área geográfica bem delimitada – a do Rossio – julgamos que o conjunto de Vila Cova de Perrinho foi alvo de repetidas “interpretações mais ou menos livres de associações e contextos” (Vilaça, 2006:35), que levaram à criação de um “depósito” que nos parece nunca ter existido.

A real compreensão deste conjunto passará forçosamente pela realização de estudos sistemáticos sobre a área do Rossio (Vila Cova de Perrinho), em virtude do conhecimento de outros indícios arqueológicos nas imediações e que lhe poderão estar associados, como é o caso da Necrópole do Rossio.

⁹ O Sr. Joaquim Oliveira do Pinhel foi-nos indicado, por parte de vários habitantes na zona, como autor material da descoberta de alguns objectos que fazem parte deste conjunto metálico. Agradecemos-lhe as informações prestadas.

7. Bibliografia

- BRADLEY, R. (1990) - *The passage of arms: an archaeological analysis of prehistoric hoards and votive deposits*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BRANDÃO, D. P. (1962) - “Achados soltos de cobre e bronze no concelho de Arouca”. *Studium Generale*. Actas do I Colóquio Portuense de Arqueologia. Porto. Vol. IX, 1, p. 85-93.
- BRANDÃO, D. P. (1963) - Achado da “época do bronze” de Vila Cova de Perrinho - Vale de Cambra, *Lycerna*. Porto. 3, p. 114-118.
- CANHA A., VALÉRIO P., ARAÚJO M.F. (2007) - Testemunhos de metalurgia no povoado de Canedotes (Bronze Final). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10, 1, p. 159-178.
- COFFYN, A. (1985) - *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*. Paris: Diffusion de Bocard.
- COOMBS, D. (1975) - Bronze Age Weapons Hoards in Britain. *Archaeologica Atlantica*. Kisdorf. 1, 1, p. 49-82.
- CORREIA, V. (1988) - Um punhal do Bronze final, de Arraiolos. *Arqueologia*. Porto. 17, p. 201-203.
- DELIBES DE CASTRO, G., FERNÁNDEZ MANZANO, J., FONTANEDA PÉREZ, E. & ROVIRA LLORENS, S. (1999) - *Metalurgia de la Edad del Bronce en el piedemonte meridional de la Cordillera Cantábrica*. Zamora: Junta de Castilla y León - Consejería de Educación y Cultura, Arqueologia en Castilla y León.
- FERNÁNDEZ GARCÍA, S. (1997) - Los puñales tipo “Porto de Mos” en el Bronce Final de la Península Ibérica. *Complutum*. Madrid. 8, p. 97-124.
- FERNANDEZ MANZANO, J. (1986) - *Bronce Final en la Meseta Norte Española: el utilaje metalico, Almazan (Soria)*. Junta de Castilla y Leon - Consejeria de Education y Cultura.
- FONTIJN D.R. (2001/2002) - *Sacrificial Landscape. Cultural biographies of persons, objects and “natural” places in the Bronze Age of the Southern Netherlands, c. 2300-600 BC*. *Analecta Praehistorica Leidensia*. Leiden: University of Leiden. Vol. 33/34.
- GIARDINO, C. (1995) - *Il Mediterraneo Occidentale fra XIV ed VIII secolo a. C. Cercie metallurgiche e minerarie / A C. Cercie minerarie e metallurgiche*. Oxford: British Archaeological Reports - S612.
- GUTIÉRREZ NEIRA, P. C., ZUCCHIATTI, A., MONTERO-RUIZ, I., VILAÇA, R., BOTTAINI, C., GENER, M., CLIMENT-FONT, A. (no prelo) - Late Bronze Age hoard studied by PIXE. *Nuclear Instruments and Methods in Physics Research B* (doi:10.1016/j.nimb.2011.04.072)
- HAMON C., QUILLEC, B. eds. (2008) - Hoards from the Neolithic to the Metal Ages. Technical and codified practices. *Session of the XIth Annual Meeting of the European Association of Archaeologists*, BAR S1758.
- HARRISON, R.J., MARTI JUSMET, F., GIRO, P. (1974) - Faience Beads and Atlantic Bronzes in Catalonia. *Madridrer Mitteilungen*. Madrid. 15, p. 95-107.
- JALHAY, E. (1943-1944) - A espada de Bronze do Moinho do Raposo. *Boletim de la Comission de Monumentos Historicos y Artisticos de Orense*. Orense. 14, p. 44-46.

- JALHAY, E. (1944) - O esconderijo pré-histórico de Pôrto do Concelho (Mação, Beira Baixa). *Brotéria*. Porto. XXXVIII, p. 263-277.
- KALB, P. (1980) - Zur Atlantischen Bronzezeit in Portugal. *Germania*. Berlim. 58 (1-2), 25-59.
- LEITÃO N. M., LOPES J. M. (1985) - Nótula sobre um achado arqueológico no lugar do Travasso, concelho da Mealhada”. *Pampilhosa: uma terra e um povo*. 4, 19-24.
- LOPO, A.P. (1899) - Torre de D. Chama. *O Archeologo Portugues*. Lisboa. S. 1, 5, p. 279-280.
- LOUREIRO S., MARQUES J. N., VALINHO A. (2003) - O Alto Paiva: a ocupação humana no 1º milénio a.C.. *Conimbriga*. Coimbra. XLV, p. 105-124.
- MELO, A. A. (2000) - Armas, utensílios e esconderijos. Alguns aspectos da metalurgia do Bronze Final: o depósito do Casal do Fiéis de Deus. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3, 1, p. 15-120.
- MENDES, S. L. (2011) - O Castro de Vila Cova-à-Coalheira (Vila Nova de Paiva, Viseu): a ocupação proto-histórica. *Estudos Pré-históricos*. Viseu. Vol. XVI.
- MONTEAGUDO, L. (1977) - Die Beile Auf Der Iberischen Halbinsel. In *Prähistorische Bronzefunde*. XI - Band 6. München. C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung.
- PEREIRA, F. A. (1903) - Machados de duplo anel. *O Archeólogo Português*. Lisboa. S. 1, 8, p. 132-136.
- QUEIROGA, F. (2001) - *Inventário Patrimonial de Vale de Cambra: I - Arqueologia*. Vale de Cambra: Câmara Municipal de Vale de Cambra.
- ROCHA, A.S. (1899-1903) - Vestígios da epocha do bronze em Alvaiázere. *Portugalia*. Porto. 1, p. 135-136.
- ROWLANDS, M. J. (1976) - *The organisation of Middle Bronze Age Metalworking*. BAR 31. Oxford.
- RUIZ GALVEZ PRIEGO M., eds. (1995a) - *Ritos de paso y puntos de paso: la ría de Huelva en el mundo del Bronce Final europeo*. Complutum - Extra 5. Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad Complutense.
- RUIZ-GALVEZ PRIEGO, M. (1995) - Depósitos del Bronce Final: sagrado o profano? Sagrado y, a la vez, profano?. In RUIZ GALVEZ PRIEGO M., eds. - *Ritos de paso y puntos de paso: la ría de Huelva en el mundo del Bronce Final europeo*. Complutum - Extra 5. Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad Complutense. p. 21-32.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1989) - *Pré-Historia Recente da Bacia do Médio e Alto Mondego: algumas contribuições para um modelo sociocultural*. Tese de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 3 Vols. Policopiada.
- SILVA, A. C. F. da; SILVA, C. T. da; LOPES, A. B. (1984) - Depósito de fundidor do final da Idade do Bronze do Castro da Senhora da Guia (Baiões, S. Pedro do Sul, Viseu). *Lucerna*. Porto. p. 73-95. Homenagem a D. Domingos Pinho Brandão.
- SILVA, A. C. F. (2007) - *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2.ª Edição.
- SILVA, A. M. S. P. (1997) - Povoados Proto-históricos de Vale de Cambra: elementos para uma Carta Arqueológica concelhia. *Boletim Cultural de Vale de Cambra*. Vale de Cambra. 1, p. 34-46.

- SILVA, A. M. S. P. (2003) - O Projecto “Paivar”, um plano de investigação arqueológica de âmbito regional. *Revista da Faculdade de Letras - Ciências e Técnicas do Património*. 1, 2, p. 199-222.
- SILVA, F. A. P. (1998) - Mamoa 1 do Rossio (Vila Cova de Perrinho - Vale de Cambra). *Boletim Cultural de Vale de Cambra*. Vale de Cambra. 2, p. 3-19.
- VALÉRIO P., ARAÚJO M. F., SENNA MARTINEZ J.C., VAZ J.L. (2006) - Caracterização química de produções metalúrgicas do Castro da Senhora da Guia de Baiões (Bronze Final). *O Arqueólogo Português*. 24, 4. Lisboa, p. 289-319.
- VASCONCELOS, J. L. (1917) - Coisas velhas. *O Archeologo Português*. Lisboa. 22, p. 293-344.
- VILAÇA, R. (1995) - Aspectos do povoamento da Beira Interior (centro e sul) nos finais da Idade do Bronze. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa. IPPAR/Departamento de Arqueologia.
- VILAÇA, R. (1997) - Metalurgia do Bronze Final da Beira Interior. Revisão dos dados à luz de novos resultados. *Estudos Pré- Históricos*. Viseu. Vol. V, p. 123-154.
- VILAÇA R., MONTERO-RUIZ I., RIBEIRO C.A., SILVA R.C., ALMEIDA S.O. (2002-03) – “A Tapada das Argolas (Capinha, Fundão): novos contributos para a sua caracterização”. *Estudos Pré- Históricos*. Viseu. Vol. X-XI, p. 175-197
- VILAÇA, R. (2006) - Depósitos de Bronze do território português. Um debate aberto. *O Arqueólogo Português*. S. 4, 24, p. 9-150.
- VILAÇA R., ALMEIDA S., BOTTAINI C., MARQUES J. N., MONTERO-RUIZ I. (no prelo), “Metalurgia do Castro do Cabeço da Argemela (Fundão): formas, conteúdos, produções e contextos”. In *Actas 1º Congresso Internacional Povoamento e Exploração de Recursos Mineiros na Europa Atlântica Ocidental*. Braga.
- VILLAS-BOAS, J. S. (1947): Nuevos elementos del Bronce Atlántico en Portugal. In *Crónica del II Congreso Arqueológico del Sudeste Español (Albacete, 1946)*. Albacete: Imp. Provincial, p. 156-161.